



MEIO AMBIENTE: O QUE RESTA NA MEMÓRIA

Juliana Portes Thiago - bolsista - porthi1@hotmail.com

Profa. Dra. Lúcia da Costa Ferreira – orientadora - luciacf@unicamp.br

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS AMBIENTAIS - NEPAM/IFCH

PIBIC/CNPq

Palavras-chave: Conflito - Memória - História de vida - Ambiente

Introdução

Vinculado ao Projeto Temático sobre Mudanças Climáticas Globais “Expansão Urbana e Mudanças Ambientais Globais: um estudo do Litoral de São Paulo”, que tem como um de seus componentes o projeto “Conflitos entre Expansão Urbana e a cobertura vegetal e suas consequências para as Mudanças Ambientais Globais: um estudo no Litoral Norte de São Paulo, Brasil”, o projeto “Meio ambiente: o que resta na memória” pretende analisar as histórias de vida e trajetórias dos atores sociais envolvidos em conflitos ambientais no município de Caraguatatuba, que se localiza no litoral norte do estado. O objetivo principal da proposta era verificar qual é a dinâmica social possível de ser apreendida através do discurso popular e do discurso oficial, seja na constatação da interlocução entre eles ou da inexistência da mesma, tendo como suporte os relatos de vida e memória dos atores. Assumindo a definição de conflito utilizada por Georg Simmel, de que o conflito é considerado produtor de sociabilidade, o projeto procura conciliar a ideia de memória em disputa, utilizada por Michael Pollak, quando propõe a existência de uma memória das minorias em oposição à memória hegemônica, oficial. Os relatos eleitos como oficiais foram colhidos em material da imprensa escrita local e os relatos de vida dentre atores envolvidos em questões ambientais e moradores da região. A hipótese inicial era a de ser possível separar discursos e histórias de vida em dois grupos - o popular e o oficial - e depois compará-los quase que com uma balança pensa na mão para o lado do discurso oficial, pressupondo o popular como sendo portador do discurso do excluído, da minoria, dos “sem” poder.



O que dizer aos filhos depois que a casa e a vida desceram para o mar?



Uma das questões que afeta os moradores e também o ambiente é o crescimento desordenado da cidade, ocasionando o surgimento de moradias irregulares como desse bairro na foto, que coloca a população e a biodiversidade em risco.

Metodologia

Os relatos de memória e história de vida dos moradores das comunidades locais que vivem em área de proteção ambiental, bem como, de outros atores, foram coletados em entrevistas gravadas ou escritas. Tais entrevistas foram definidas aleatoriamente ou por indicação dos próprios moradores. Os relatos da imprensa local foram obtidos a partir do acervo do Arquivo Público Municipal “Arino Sant’ana de Barros”, de Caraguatatuba.

Tendo em vista a proposta inicial da construção de dois discursos - popular e oficial - como ponto de convergência entre eles pretendeu-se eleger problemas ambientais marcantes na região, como sendo “eventos críticos” conforme a definição de Veena Das (1995), que diz que tais eventos marcam um grupo ou comunidade, de forma que estes assumem ou procuram assumir outras dinâmicas sociais. Assim, o evento escolhido foi a grande chuva de março de 1967, ou como dizem os moradores: a catástrofe de 67. Analisando o material obtido, quanto aos recortes de jornais da época da tragédia, uma leitura foi se colocando cada vez mais nítida: a natureza e as proporções do evento escolhido eram tão grandes e complexas que parecia impossível haver disparidade entre os discursos.

Por ser uma pesquisa que faz parte de um grupo de pesquisas, muitas vezes fui a campo com os colegas, e sendo assim, coletei ou participei de 43 entrevistas, que posteriormente foram estruturadas numa tabela com os dados preliminares dos interlocutores. Após a elaboração desta tabela, procedi a análise das entrevistas que foi feita de forma a elencar nas falas de cada interlocutor aquilo que pudesse dar pistas sobre sua posição frente a questões como mudanças climáticas, mobilidade espacial, mobilidade social, motivação, futuro, envolvimento com a comunidade e satisfação com os serviços públicos.

Resultados e discussão

Naquilo que o trabalho pretendia, admitimos a ideia de que por meio dos relatos é possível identificar as filiações de cada pessoa, seu trânsito e posições assumidas ao longo de determinado período, e dessa forma, conferimos ao projeto temático mais esse elemento de análise dos conflitos na região do Litoral Norte: a coleta das histórias de vida e trajetórias, procedendo à análise dos discursos da população local e dos da imprensa local escrita, no sentido de verificar a existência ou não de divergências nesses relatos, e se essas apontam ou não para conflitos sociais vivenciados pelos grupos dessa arena, marcada pelas mudanças ambientais decorrentes da expansão urbana. A ideia era analisar se poderíamos considerar os relatos da população como uma única voz em oposição à outra voz que chamamos oficial, supostamente visível nos relatos da imprensa.

Conclusão

A hipótese inicial era a de ser possível separar discursos e histórias de vida em dois grupos - o popular e o oficial - e depois compará-los quase que com uma balança pensa na mão para o lado do discurso oficial, pressupondo o popular como sendo portador do discurso do excluído, da minoria, dos “sem” poder. O processo de pesquisa, contudo, demonstrou o quão ilusória era essa tentativa de demarcar os dois grupos. As trajetórias e posições são sempre relacionais e interdependentes, moldáveis e mutáveis em boa medida. É impossível pensar em um único discurso popular, ou um único discurso oficial. A polifonia da realidade me saltou aos olhos durante a pesquisa. Olhando as várias vidas e trajetórias ali enraizadas, vislumbramos a complexidade de um grupo social, e como as discussões acadêmicas sobre termos semelhantes a atores, agentes, sujeitos, indivíduos, grupo, arena, comunidade, sociedade, organização, instituição, dentre outros, se materializam a nossa frente em diversos formatos, densidades e porosidades. Mesmo obtendo resposta positiva para a hipótese inicial sobre a possibilidade de se apreender a dinâmica social através dos conflitos, a complexidade de tal dinâmica nos impele não para uma conclusão tácita, mas para novos horizontes de pesquisa que agreguem outros dados e análises sobre os demais elementos que compõem a dinâmica do município de Caraguatatuba, envolvendo as questões ambientais.



Caraguatatuba em 1967, após a tempestade